



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

PAULO PEREIRA DE ARAÚJO

**FANTASIA E ALEGORIA: OS MODOS POLITIZADOS DOS BLOCOS
CARNAVALESCOS NA CIDADE ESPERANÇA (PB), NAS DÉCADAS DE 1980,
1990 E 2000.**

Campina Grande-PB

2020

PAULO PEREIRA DE ARAÚJO

FANTASIA E ALEGORIA: OS MODOS POLITIZADOS DOS BLOCOS
CARNAVALESCOS NA CIDADE ESPERANÇA (PB), NAS DÉCADAS DE 1980,
1990 E 2000.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior

CAMPINA GRANDE- PB.

2020

A663f Araujo, Paulo Pereira de.

Fantasia e alegorias [manuscrito] : os modos politizados dos blocos carnavalescos na cidade Esperança (PB), nas décadas de 1980, 1990 e 2000. / Paulo Pereira de Araujo. - 2020.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Carnaval. 2. Bloco carnavalesco. 3. Política. 4. Protesto. 5. Esperança - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 393.25

PAULO PEREIRA DE ARAÚJO

FANTASIA E ALEGORIA: OS MODOS POLITIZADOS DOS BLOCOS
CARNAVALESCOS NA CIDADE ESPERANÇA (PB), NAS DÉCADAS DE 1980,
1990 E 2000.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento de História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em História.

Aprovada em: 07/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Jose dos Santos Costa Junior

Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Talita Rosa Mística Soares de Oliveira

Prof. Me. Talita Rosa Mística Soares de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Raquel Silva Maciel

Profa. Me. Raquel Silva Maciel
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RB.

Prof. Me. Roger Camacho Barrero Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Em primeiro lugar, dedico este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível. Assim como a todos os professores que me influenciaram na minha trajetória. Em especial ao professor José dos Santos Costa Júnior meu orientador, com quem compartilhei minhas dúvidas e angústias a respeito do tema.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carnaval de Esperança em 1986	14
Figura 2 – Panfleto do carnaval	17
Figura 3 – O verde da Esperança	18
Figura 4 – Feliz cidade	19
Figura 5 – Lero fazendo a festa com sua boneca, arrastando tudo	20
Figura 6 – “Os Borós, um dos mais conceituados coletivos carnavalescos de Esperança prestando homenagem ao “Velho Lero”	21
Figura 7 – O boi de João Marcolino	22
Figura 8 – Ala-ursas característica do carnaval de Esperança	24
Figura 9 – Ala-ursas homenageia Pedrinho “o maestro” que desencarnou nesse mesmo ano. Um dos que organizava o bloco das ala-ursas	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	Ô ABRE ALAS, QUE O ZÉ PEREIRA ABRE O CARNAVAL	14
3	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS.....	27

FANTASIA E ALEGORIA: OS MODOS POLITIZADOS DOS BLOCOS
CARNAVALESCOS NA CIDADE ESPERANÇA (PB), NAS DÉCADAS DE 1980,
1990 E 2000.

Paulo Pereira de Araújo¹

RESUMO

O artigo estuda os modos politizados dos blocos carnavalescos na cidade de Esperança da década de 1980, 1990 e 2000. Analisando como uma parte da população utilizava os blocos carnavalescos como meio de protesto e resistência às oligarquias e seus ditames. Como também os políticos se utilizavam da festividade do carnaval para autopromoção, criando no imaginário das pessoas, um político bom, popular e presente. Dessa forma, observamos também que as escolas de samba e suas agremiações, que fazem parte de alguns blocos carnavalescos, ainda carrega uma herança militar, que faz com que alguns blocos sejam construídos em um modelo de enquadramento da grande massa, tendo em vista, que, estamos falando do carnaval, uma festa popular e que é dada a “liberdade”. Dialogamos com alguns historiadores da nova história cultural que deu a possibilidade de compreensão ao nosso objeto de estudo.

Palavras-chave: Carnaval. Blocos. Políticos. Protesto.

ABSTRACT

The article studies the politicized modes of carnival blocs in the city of hope in the 1980s, 1990s and 2000s. Analyzing, how part of the population used carnival blocs, as a means of protest and resistance to oligarchies and their dictates. As well as politicians used the carnival festivity for self-promotion, creating a good, popular and present politician in people's imagination. In this way, we also observed that the samba schools and their associations, which are part of some carnival blocks, still carry a military advance, which cause some blocks to be built in a model of framing the great mass, in view, that , we are talking about carnival, a popular party that is given to “freedom”. However, we talked to some historians of the new cultural history, which gave our study object the possibility of understanding.

Keywords: Carnival. Blocks. Politicians. Protest.

¹ Graduando em História na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ppereira503@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O que pesquisar? Essa questão tão pertinente na vida acadêmica me fez repensar, refletir, que caminhos que deverei seguir. Sobre quais fontes deverei me debruçar? Sobre qual, dentre tantas linhas e abordagens de estudo eu poderia vir me nortear a ponto de pesquisar sobre? Esse questionamento foi sendo reelaborado ao longo do meu percurso acadêmico, quando fui me deparando com diversas leituras através de uma perspectiva da Nova História Cultural, que adentra no Brasil em meados de 1980 e 1990, abarcando uma produção historiográfica diversificada e multidisciplinar, abrindo novos horizontes, novas perspectivas e abordagens. Assim, é importante destacar que a nova produção historiográfica e cultural avançou de maneira persistente após o desenvolvimento e a rupturas de algumas estruturas que marcam a historiografia brasileira.

Foi com o avanço da pós-graduação, de um lado, e a crise do regime militar, de outro, que a pesquisa histórica no Brasil pouco a pouco se abriu a esses novos campos. A queda do muro de Berlim, em 1989, completa o quadro liberando a pesquisa histórica brasileira dos patrulhamentos esquerdistas. O arejamento do ambiente universitário, enfim o livre dos compromissos políticos de combate ao regime de exceção e, de quebra livre, das patrulhas ideológicas teve peso decisivo nessa inflexão historiográfica. (VAINFAS, 2009, p.229).

Podemos destacar assim Peter Burke que traz em seu livro *O que é história cultural?* Uma diversidade de fatos históricos da história cultural, mostrando a importância dessa abordagem para pensar diferentes sociedades. Para este autor, a história cultural foi redescoberta a partir de 1970, mas efetivamente havia uma tradição secular que remonta os trabalhos como o de Johan Huizinga (1872-1945). No Brasil, ele cita Gilberto Freire, mostrando que este autor pernambucano escreveu sobre o cotidiano das pessoas, os odores dos quartos de dormir no século XIX no Brasil colonial, mostrando assim o desenvolvimento da história cultural no Brasil. Como ele contribuiu numa abordagem multidisciplinar, adentro em outros campos da ciência.

A “nova história cultural” francesa baseou sua pretensão de novidade não apenas na descoberta de novos objetos de estudos, mas também no desenvolvimento de novas abordagens e métodos, frequentemente em associação com outras disciplinas. Entretanto, como é bem conhecida, uma abordagem multidisciplinar desse tipo foi praticado por Gilberto Freire já nos anos 30. Ele descreveu seus livros com contribuição a “sociologia” e “antropologia” assim como a história social (BURKE, 1997, p. 05).

A partir dessas novas produções culturais, e dessa diversidade da história cultural, que Burke traz em seus estudos novos métodos de construir a história, contando com essa multifacetada – e por que não dizer essa revolução na história. Portanto, constatei a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre os modos politizados dos blocos carnavalescos na cidade de Esperança, localizada no estado da Paraíba, com enfoque nas décadas de 80, 90 e 2000, tendo a possibilidade de esmiuçar e enxergar nas fotografias as mudanças ocorridas nas festividades, e que vão sofrendo alteração pela modernidade, onde muitas dessas histórias, que fazem parte do nosso cotidiano, da nossa vivência tendem a ficar esquecidas no passado. Por isso a importância de lembrar e construir essa história que faz parte da nossa composição.

Trabalhar nesse texto a história da cidade de Esperança nós faz repensar, várias questões sobre a importância de valorizar as raízes de um grupo local, as identidades culturais, suas histórias, mostrar quão valiosa essa história é, para a construção de uma sociedade, marcadas por inúmeros contextos sociais e onde carrega heranças que são enraizadas ao longo de um processo histórico. Podemos ver essas heranças marcadas nos blocos carnavalescos da cidade de Esperança, Como também apontar características, uma vez que o carnaval é uma festa comemorada em todo o Brasil, mas que se faz diferente de região para região de cidade para cidade. Iremos analisar dentro dessa analogia como a política local era utilizada nas festividades do carnaval, para construção de uma autopromoção de seus políticos ou reafirmação de certos símbolos e status de poder. Por outro lado, de modo inicial este texto busca pensar e analisar sobre como uma parte da população utilizava os blocos carnavalescos como meio de protesto e resistência às oligarquias e seus ditames.

Os blocos carnavalescos da cidade de Esperança são carregados de histórias assim como nosso cotidiano, nosso dia-a-dia. Histórias essas que vão se modificando com o tempo, com os espaços e as mudanças. Essa é uma característica das festividades, pois a população vai criando novos códigos, uma nova maneira de se relacionar, construído uma nova cultura, regras e condutas, tudo vai se moldando, se modificando, alterando-se. Os encontros já não são os mesmos, as relações não são as mesmas, o carnaval está diferente. Tratar de uma historicidade de uma cidade, isto é um objeto desafiador para o historiador, antes de tudo colocamos no contexto como um todo, partindo de uma história grandiosa, para assim tratar de uma história micro, percebendo suas nuances de maneira muito particular.

Nas décadas de 70 e 80, observando as fotografias das festividades carnavalescas da cidade de Esperança, percebemos um grande impacto na valorização das organizações dos blocos carnavalescos, com um cunho de deixar os seus espectadores maravilhados com os desfiles assim como transmitir um sentimento nacionalista, construído por uma política que estava preocupada com a organização do indivíduo. Assim, as organizações, as vestimentas, tudo parecia ser muito bem organizado e arquitetado para impressionar ao público, como também enquadrá-lo em uma ordem social. Por outro lado podemos destacar dentro desse universo organizacional ou nacionalista, uma política de esquadrihar o corpo do indivíduo, manipular os modos de fazer carnaval. Citamos dessa forma o Michel de Foucault, quando trabalha em seu livro Vigiar e Punir, ele faz um estudo do desenvolvimento da prisão, mostrando que as instituições de modo geral, assim também como a arquitetura das cidades tem a função de controlar o indivíduo dentro de um poder disciplinar, para isso, a disciplina cria técnicas e encobre o corpo social através de variadas instituições. Dessa forma podemos destacar o carnaval, pois é uma festividade que faz parte do corpo da cidade e do corpo do indivíduo, e não dissocia da ideia criada pelo Foucault. Os blocos criados no próprio carnaval, enquadra o indivíduo, segmenta espacializa.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o decompõe. “uma autonomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que determinam. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (Foucault, 1999, p.71).

Apesar de se tratar do carnaval, onde tem uma ideia contrária da organização e do enquadramento de padrões, onde as coisas eram dadas ao avesso e a “liberdade”, caracterizar nas fotografias do final da década de 70 ao início da década 80, uma herança muito peculiar e que nos permite refletir sobre esse período que estamos trabalhando. Notamos nessas fotografias, uma organização caracterizada por escolas de desfiles cívicos, ou seja, desfiles de Sete de Setembro. Onde observamos uma organização estruturada dentro de parâmetros militares. Teria esta influência da própria época? Tendo em vista, os anos 80 em diante, assim como os dias atuais, que ainda estamos impregnados de um nacionalismo exacerbado carregado de uma herança militar, onde designa a população se manter em uma ordem, seguir um modelo de uma civilização, enquadrando-se em regras obtidas pelo um sistema autocrático. Seria possível, mesmo se tratando do carnaval, uma festa avessa, uma ordem ser estabelecida mesmo de maneira supérflua? Esse questionamento faz pensar, sobre até que ponto as pessoas poderiam ser “livres” mesmo se tratando do carnaval? Como poderíamos tratar dos carnavais sem amarrações, impostas pelo poder? Livres de enquadramentos, de esquadramento.

Ao destacarmos esse ponto de vista, podemos mencionar Maria de Izaura Pereira de Queiroz, cientista social onde possui um vasto trabalho no terreno cultural, começou a desenvolver trabalhos relacionados ao carnaval do Rio de Janeiro, e como o carnaval era organizado no contexto de escolas de samba. Dessa forma a historiadora Rachel Soihet (1987) destaca no seu trabalho “Reflexões sobre o Carnaval na historiografia- algumas abordagens”, destacando esse estudo feito por Izaura Queiroz. Onde destaca essa organização das escolas de samba utilizada no carnaval do Rio de Janeiro, onde muito dos políticos locais utilizava das escolas de samba para tirar proveito, destacando-se a ascensão das escolas de samba a um “nacionalismo exacerbado”. A autora também destaca “Vagas a partir de sua ascensão, vale-se da música e das agremiações carnavalescas com vínculo para integração das massas urbanas no seu projeto de construção da nacionalidade” (SOIHET, 1987, p. 13). Podemos perceber nas palavras da historiadora a ideia dessas organizações de escolas de samba, tomando em vista os limites impostos pelo poder local, utilizando-se das agremiações para estabelecer regras e o enquadramento dos carnavalescos fazendo com que eles sigam uma ordem cívica. Mesmo se tratando do carnaval uma festa que é dada a possibilidade das pessoas serem “livres”, saírem da rotina, se desprenderem de suas amarras conservadoras e virtuosas, mesmo assim o poder consegue driblar e impor algumas regras nacionalistas.

É de grande relevância pensar o carnaval dos anos 80, caracterizado uma época tão importante e impactante, mostrando que esta década foi caracterizada com grande destaque para a história, tendo em vista a valorização da cultura, a explosão do pop e do rock e onde nesse contexto, começa a se falar de “liberdade de expressão”, falar sobre sexo e drogas e repensar os novos estilos de se vestir. Mostrando dessa forma que o carnaval passa a ganhar uma nova característica, um novo olhar. Mesmo que ainda permanecendo com ideias de escolas cívicas, permanecendo bem estruturado nos conceitos organizacionais, dentro dos parâmetros da política de disciplina, que é impregnada no projeto de construção de sociedade moderna.

Dessa forma é pertinente observar que a ideia construída nesse texto, tem certa peculiaridade, pois iremos analisar de forma cuidadosa, dois blogs relacionados à história do município de Esperança. Os blogs têm finalidades

informativas sobre a história do município de Esperança, e é preciso destacar a diversidade de informações por meio de fotografias, folhetos, poemas, charges, jornais, slogan's. Estas páginas virtuais voltadas para a divulgação da história do município remetem para muitas outras páginas da Internet, criando efetivamente uma rede de comunicação, intercâmbio e enlace de informações variadas.

O primeiro blog que iremos analisar, é o de Evaldo Brasil, que tem como o título *Esperança reeditada* com o intuito de produzir material informativo sobre a história da cidade de Esperança, com destaque para a cultura do município². Este blog foi criado em janeiro de 2008. Em seu perfil, o criador destaca bem qual o seu objetivo: “este blog foi construído em 2008 e tem por intuito registrar as mudanças na paisagem urbana da cidade de Esperança. Contendo ainda personagens, notas, artes, cultura, poemas e momentos. As fotografias no blog encontradas são retiradas de perfis públicos nas redes sociais etc. Tratadas, datadas e creditadas.” O blog tem um fundo preto e bastante dinâmico que facilita ao leitor na hora de analisá-lo. Além do blog pessoal do Evaldo Brasil, podemos citar outro blog como *Histórias esperancenses* que também traz a mesma finalidade. Porém, dessa vez se trata de um blog institucional, mas com objetivo semelhante. A página *Histórias esperancenses*³ foi criada por Rau Ferreira em 2009, onde o mesmo exerce um papel de extrema importância, na construção da historiografia do município. Rau Ferreira é autor do livro *Banaboé Caria*, contendo alguns recortes da historiografia do município, exercendo papel extremamente importante para a conservação de fontes do município. Seu blog tem uma tonalidade mais neutra, com fontes azuladas que transmite calma.

Assim como os blogs citados, encontramos também o Facebook, que é uma ferramenta de extrema importância hoje nas mídias sociais, onde as pessoas utilizam para se relacionar e interagir. Constitui-se também como fonte de informações e divulgação pessoal ou de cunho até mesmo jornalístico. O nome dessa página é “*Esperança-PB Terra mãe*”⁴. A página possui uma diversidade de imagens que retratam as mudanças na cidade de Esperança. Também se nota um acervo de fotografias dos anos 1950 aos anos 2000. São fotografias antigas de vários eventos, acontecimentos como São João, desfile de Sete de Setembro, carnaval, festa da padroeira Nossa Senhora do Bom Conselho etc. Fazer uso dessas fotografias como fonte histórica para analisar as práticas culturais e as transformações históricas da cidade de Esperança nos coloca o desafio de entender, antes de tudo, que uma fotografia é sempre um recorte, uma seleção, um modo de captar traços e eventos da realidade a partir da ótica e do objetivo de quem opera a lente e capta a imagem. Não se trata de acessar a realidade “nua e crua”, mas perceber que a fotografia é uma intermediária que pode enfatizar alguns aspectos e

² Esperança é um município brasileiro situado no estado da Paraíba, sua população, conforme estimativa do IBGE de 2018 era de 33 003 habitantes. O primeiro nome da cidade era Banabuyê, chamado assim por conta da tribo cariri, da sesmaria datada 1713. O primeiro colono tomou posse das terras de Esperança foi o português Marinheiro Barbosa. Sua casa foi construída perto de um reservatório de água (tanque do Araçá), cuja localidade é conhecida como Beleza dos campos, hoje oficialmente bairro. 1872 a cidade passou a se chamar Esperança. O Desenvolvimento urbano da cidade se deu por parte dos tropeiros, que aqui pernoitava. Hoje a economia da cidade se dá por parte do comércio dos feirantes e as empresas de materiais de construção. Informações retiradas do livro *Banaboé Caria* p. 15 e 35 e 40.

³ Blog História Esperancense. Disponível em: <https://historiaesperancense.blogspot.com/>.

⁴ Página do Facebook: <https://www.facebook.com/search/top?q=esperan%C3%A7a-pb.%20terra%20m%C3%A3e>

apagar outros. É de grande importância ao historiador um olhar cauteloso sobre essas fontes, contudo podemos observar nas palavras de Ana Maria Mauad que “a fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica” (MAUAD, 1995, p. 8). Ocorre que

entre o sujeito que olha a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia – para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de analogon da realidade – é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1995, p.03).

É pertinente destacarmos que o blog, assim como a página do Facebook são redes sociais e possui um grande acervo de fotografias para tratar de variados temas. Contudo, para os fins dessa pesquisa, o blog acaba sendo algo mais proveitoso pelo fato de ser direcionado ao âmbito de acervos fotográficos, mostrando as mudanças na paisagem da cidade de Esperança. Por outro lado, iremos destacar alguns textos como poemas, panfletos, além das imagens e charges que ajudam a entender de maneira cuidadosa e criteriosa o período. Essas imagens são fotografias de acontecimentos, e que envolve um contexto do ambiente, como também do fotógrafo, aquele que irá captar a imagem do melhor ângulo e da melhor forma, trazendo certa realidade do que está acontecendo, dando a possibilidade da releitura futura.

As fotografias é um meio virtual em que os acontecimentos passados são com frequências tornado mais acessível pela resposta emocional do momento. Isto porque a fotografia traz em si uma relação material e casual com seu sujeito. Parte de nossa resposta é para o fotógrafo como traço real de um acontecimento (BURKE, 1978, p. 265).

Ao pesquisar nas duas redes sociais, percebemos que para cada uma existe certa particularidade. No Facebook, por exemplo, observamos que existe um cunho mais voltado para o saudosismo, mostrando as saudades das festividades, assim como as saudades daquelas pessoas que foram protagonistas da história da nossa cidade, ao fazer a leitura dessas imagens percebi que o organizador da página virtual, não se preocupou com a organização, não teve a preocupação em datar as fotos, onde eram postadas de maneira aleatória e que de certo modo dificultou o nosso trabalho. Já no blog encontramos algo mais específico e organizado por década e por ano, que norteou de maneira mais clara o que buscávamos de proveitoso para desenvolver nossa pesquisa. Assim como, podemos destacar as mídias digitais, e a tecnologia, disponibilizando ferramentas de extrema importância que facilita o historiador como a sociedade de modo geral, armazenar e conservar suas fontes, para facilitar no desenvolvimento das ciências humanas.

As mídias digitais estão aí, abarcando de maneira significativa todos os campos de saber, e cabe a nós historiadores estarmos sensíveis a essa diversidade de espaços para compartilhar saberes e práticas, inclusive aquelas do campo acadêmico. Uma vez que esta pesquisa se insere no campo de estudos de História do Tempo Presente, cabe refletir sobre como “para os historiadores que buscam compreender o presente, negligenciar as fontes digitais e a internet significa fechar os olhos para todo um novo conjunto de práticas, de atitudes de modos de pensamentos e valores que vêm se desenvolvendo juntamente com o crescimento e a população da rede mundial de computadores (ALMEIDA, 2011, p. 12). Assim,

vemos como se trata de um novo arquivo em relação ao qual os historiadores devem lançar um olhar crítico, na medida em que permitem pensar sobre a história recente, mas também, sobre os usos políticos que são feitos sobre períodos mais recuados na história.

É necessário para nós historiadores estarmos preparados para essas novas ferramentas que a modernidade, está nos apresenta, preparando assim os novos métodos para construir e conservar essas fontes históricas e ter o cuidado ao investigá-las e selecioná-las. Podemos observar nesse texto o quanto as mídias sociais serviram para o embasamento do nosso trabalho. Tomando conhecimento de dois blogs que conseguimos de maneira cuidadosa perceber como se deu a construção do Carnaval e destacando a sua problemática. Dessa forma historiadora Sônia Meneses (2013) alerta-nos para que possamos nos preparar, pois a tecnologia está tomando espaços.

A engenharia complexa e difusa desse circuito cultural pressiona o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas, pois, cada vez mais, tecnologias são jogadas no mercado, articulando uma rede de interdependências entre informação, educação e consumo. Assim talvez possamos compreender que é pela possibilidade de reflexão sobre nosso passado que nossas experiências podem servir para o futuro e, se a nossa velha roupa não nos veste mais, somos chamados à construção de uma nova tessitura para as demandas desse tempo. (MENESES, 2013 p.25).

Portanto, uma nova indumentária que nos organize, nos apresente melhor no mundo contemporâneo marcado pela interferência e a dinamicidade entre o real e o virtual a todo o tempo. As mudanças ocorridas no carnaval de Esperança ao longo dos anos são caracterizadas também nas vestimentas, fantasias que com ascensão da modernidade, as festividades vão construindo uma nova “roupagem”, criando novos estilos de vestimentas, um novo estilo musical um novo padrão de beleza e estética. Essas mudanças vão ocorrendo de maneira não somente linear, pois ao passo em que algumas coisas mudam, as novidades dialogam com permanências culturais. Mas é importante notar que nem tudo se perde, pois com o tempo, a cultura ainda permanece de maneira persistente e viva, em alguns gestos, vestimentas, e até mesmo caracterizadas nos blocos. Vejamos na citação abaixo o que pensa sobre as festividades Silva e Miguez.

As festas assumem um papel privilegiado dentro de uma cultura. Considera-se que essas manifestações admitem significados particulares, no que diz respeito ao meio em que são inseridas. Desse modo, as festas são capazes de diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ridicularizar, ou sacralizar as experiências sociais particulares, de um determinado grupo. Ao mesmo tempo, serve como representação da memória coletiva, como também uma forma de representar a identidade de certo meio social. (SILVA & MIGUEZ, 2014, p.19).

Para além do mais, pensar a festividade nas questões destacada por Silva & Miguez, é pensar que assim como as festividades, o carnaval é uma festividade que ironiza e ridiculariza certas convenções, tornando-se um símbolo de “liberdade”, beleza e prazer. Sendo como algo positivo, para a grande massa que faz a máquina do trabalho locomover, onde por aqui o trabalho é algo árduo e castiga o corpo, dessa forma pensar o carnaval é pensar na inversão do mundo. Podemos perceber nas palavras Roberto da Matta os dois lados dessa moeda.

Nele conforme sabemos, trocamos a noite pelo dia; ou o que é ainda mais inverossímil: fazer uma noite em pleno dia, substituído os movimentos da rotina diária pela dança e pelas harmonias dos movimentos coletivos que desfilam num conjunto ritmado, como uma coletividade indestrutível e corporificada na música e no canto. No carnaval, trocamos o trabalho que castiga o corpo (o velho tripalium ou canga Romana que subjugava os escravos) pelo uso do corpo como instrumento de beleza e prazer. No trabalho, estragamos, submetemos e gastamos o corpo. No carnaval, isso também ocorre, mais de modo inverso. Aqui o corpo é gasto pelo prazer. Daí por que falamos que “nos esbaldamos” ou “liquidamos” no carnaval. Aqui usamos o carnaval para nos dar o máximo de prazer e alegria... (DaMatta, 1986, p. 50).

Notamos que essas fotografias foram conservadas por várias famílias, as famílias de classe média da cidade, tendo em vista que nessa época só possuíam máquinas fotográficas ou contratava um retratista eram as famílias ou pessoas de classe média. Tratava-se de um diferencial poder registrar em fotografias as experiências individuais e coletivas em Esperança naquela época. Algumas dessas fotografias ainda são na base preto e branco, enquanto outras já figuram como coloridas. Como as fotografias eram direcionadas às pessoas de classe média, temos que deixar claro que, antigamente na cidade de Esperança, o carnaval era comemorado pela elite local. Várias figuras consideradas “ilustres” participavam dessa festividade, só que com o passar do tempo essa festa foi se popularizando.

A história registra a participação de figuras ilustres como Silvino Olavo, Manuel Rodrigues e Theotônio Costa, que juntamente com outros integrantes formavam o valoroso coronel nas ondas nos idos de 1932. Dessa época datam os blocos Bom porque Pode e o Blocos das Flores (Ferreira, 2015, p.131).

Esse trecho do livro *Banaboé Cariá*, que traz uma diversidade de recortes da historiografia do município de Esperança. Como a citação acima destaca, algumas figuras ilustres foram enaltecidas, pois participavam da elite local da época que sempre estavam presentes nas festividades como o carnaval. Dessa forma o livro traz uma diversidade de recortes da historiografia do município de Esperança, contando uma pequena trajetória da história da cidade. O autor do livro é Rau Ferreira, ele construiu o livro em 2015, e sua edição comemorativa pela passagem dos 90 anos de emancipação política da cidade. Assim como o blog, o livro traz algumas informações sobre o carnaval da cidade de Esperança, mas de maneira muito reduzida, servindo como suporte e dando riqueza no desenvolvimento desse trabalho. Ao falar sobre o carnaval, o livro começa a datá-lo a partir de 1932, mostrando que o carnaval era comemorado pela elite local. Assim como os espaços carnavalescos eram direcionados nos clubes, depois de um ano que o carnaval começou a se direcionar para as ruas das cidades. Percebemos que nos seus escritos há um forte enaltecimento da figura de Silvino Olavo, não só quando se trata de carnaval, mas ao tratar da história de Esperança. Silvino Olavo foi poeta e um dos responsáveis pela emancipação política da cidade de Esperança, essa emancipação política aconteceu no dia 1 dezembro de 1925, desmembrando-se de Lagoa Nova. Silvino tinha grande popularidade na cidade, por isso seu nome é tão lembrado nos encontros culturais e nas festividades. Podemos notar sua memória em alguns blocos, onde o mesmo era homenageado.

2 Ô ABRE ALAS, QUE O ZÉ PEREIRA ABRE O CARNAVAL

O carnaval da cidade de Esperança teve seu início no interior dos clubes, onde a elite participava ativamente das festividades. Mas com o tempo a festividade foi se popularizando e o carnaval ganhou as ruas da cidade. “Esperança se orgulha por fazer um dos melhores carnavais da região. Antigamente a festa era comemorada pela elite local”, afirma Rau Ferreira em seu blog.

Figura 1 - Carnaval de Esperança em 1986.



Fonte: Blog Evaldo Brasil.

A foto acima mostra pessoas se divertindo no carnaval na cidade de Esperança, em 1986. Os integrantes se inspiraram em um grupo, a turma da Lazinha da novela *Ti Ti Ti* para compor seus figurinos. A novela fez sucesso no ano de 1985 e era transmitida no horário das 19 horas. A turma da Lazinha era um grupo exótico e sinistro e rebelde que não estava preocupado com as regras de condutas e morais impostas pelo poder e pela sociedade. É importante destacarmos o interesse desse bloco carnavalesco, se espelhar justamente nesse grupo de pessoas “rebeldes”, onde não estavam nem um pouco preocupado com a sociedade, dessa forma mesmo o carnaval sendo uma festa onde se manifesta a “liberdade” sabemos que os corpos ainda sofriam restrições e limitações, as pessoas ainda se preocupavam com os olhares, nessa época o olhar do outro diz muito. E pensar nesse grupo exótico é pensar o cotidiano, tendo em vista que a turma da lazinha era um modo de vida diferente, o grupo não se preocupava com as regras imposta pelo sistema e nem tão pouco com o olhar do outro. O grupo da Lazinha caracterizou muito bem a novela *Ti Ti Ti* na época. Nesse período era comum que durante os carnavais as pessoas se fantasiassem de atores e atrizes de novelas, filmes ou personagens de desenho animado. Ao analisarmos a imagem percebemos que o carnaval ainda acontecia nos clubes, nesse caso seria o clube do CAOBE - Centro Artístico Operário e Beneficente de Esperança⁵, onde se dava muitas festividades, podendo ser um lugar considerado histórico, pois lá se deram vários encontros, promovendo socialização e relações de pessoas. Por se tratar de um clube e estar localizado em uma das principais praças da cidade, onde moças e rapazes se

⁵ INSTITUIÇÃO: Centro Artístico-Operário e Beneficente de Esperança/CAOBE; FUNDAÇÃO: 16/03/54; PRESIDENTE: Antonio Roque dos Santos; SECRETÁRIO: Manoel Araújo Silva; INSCRIÇÃO: 57; SÓCIO RESPONSÁVEL: Adalberto Pessoa; NOME: Maria Pessoa. CATEGORIA: NC; CIDADE: Esperança.

reuniam nos fins de semana para criar suas redes de sociabilidade e afetos por meio de paqueras e namoros. O CAOBE se tornou ativo por vários anos e sempre foi utilizado como sede para os carnavais dos anos 80 e os anteriores. Continua com sua estrutura preservada. Mas não funciona, tendo se tornado um lugar vazio e cheio de recordações.

Além desses carnavais que acontecia em clubes, com o tempo o carnaval vai tomando as ruas da cidade, com uma diversidade de blocos, sendo mais acessível a toda população. Podemos enfatizar alguns blocos que se destacaram a partir dos anos 80. Vieram as escolas de samba com suas alegorias e adereços. As principais características desta época eram os famosos “mela-mela” e “ala-ursas”. (FERREIRA, 2015, p. 131) Podemos perceber aqui que após o carnaval tomar as ruas da cidade de Esperança apareceu uma diversidade de blocos, cada um com suas características e com suas histórias. O bloco de Zé Pereira, um bloco antigo, porém só tomou maior destaque quando o carnaval passou a tomar as ruas da cidade.

Podemos ver a citação abaixo retirada do blog *Histórias Esperancenses*.

No Centro Artístico Operário e Beneficente de Esperança/CAOBE havia o baile pré-carnaval que acontecia no sábado. Adentrando a festa pela madrugada, ao sair daquele sodalício, ao primeiro canto do galo do domingo, as pessoas se juntavam a diversas troças e mascarados percorrendo as principais artérias numa verdadeira algazarra grita em coro: “*olha o Pereira, viva o Zé Pereira*”.

O bloco é caracterizado em boa parte das regiões brasileiras, em Esperança o bloco abria o carnaval, acontecendo na madrugada do sábado. “O Carnaval de Esperança começa oficialmente no Arrastão do Sábado. Mas, ainda na madrugada, nos dias de hoje há o primeiro grito que se dá com a saída do “Bloco Zé Pereira” pelas ruas da cidade, acordando as pessoas para dizer que os festejos do Rei Momo se iniciam”, nos informa Rau Ferreira.⁶ Existe até uma música originada pelos portugueses que faz referência ao bloco:

E viva ao Zé Pereira,
Que a ninguém faz mal,
Viva a bebedeira
Nos dias de carnaval.

Essa música sofreu variações na cidade de Esperança, assim como em outras cidades e regiões no mundo afora. Assim, podemos perceber as variações do carnaval, de cidade para cidade, as letras das músicas, assim como as festividades sendo apropriada para atender a cultura local. A letra do samba ficou dessa forma:

Viva ao Zé Pereira,
Viva ao Juvenal,
Viva ao Zé Pereira,

⁶ Link: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2017/03/o-bloco-ze-pereira.html>

Que é o bom do carnaval⁷

Como vimos antes, as festividades do carnaval eram iniciadas com uma festa à fantasia que rolava à noite. Na madrugada do domingo a multidão saía às ruas com o bloco do Zé Pereira, notando nas palavras de Rau Ferreira, assim que acontecia de maneira muito resumida, pois ainda não estava totalmente popularizado, pois a maior participação era da elite local. Na década de 80 podemos perceber que o bloco passa a ganhar mais visibilidade, o carnaval passa a ganhar as ruas da cidade trazendo novas cores e iluminação, a cidade fica mais colorida com a festa do rei Momo. Com o decorrer dos anos houve uma grande preocupação com a possibilidade de o bloco do Zé Pereira acabar, pois as novas formas de fazer carnaval abalou, de forma intensa o carnaval da cidade de Esperança. Algumas pessoas que faziam parte da “elite” começaram a olhar, com certo receio, pois o bloco começou a sair da comunidade do São Francisco e abarcava algumas ruas que eram rotuladas como sendo “perigosas”, como o bairro do britador, morro do piolho e Catolé. “Muita gente tinha medo de abrir a janela para assistir a sua passagem, o que nos faz lembrar a áurea de mistério que envolve o bloco”. Fica o questionamento esse medo era sobre o mistério que envolvia o bloco ou o preconceito de onde saía o bloco? Como também podemos observar no poema *o galo da madrugada vai engolir u-Pereira* a questão da modernidade engolindo o Pereira, ou seja, tomando espaço do antigo e velho carnaval.

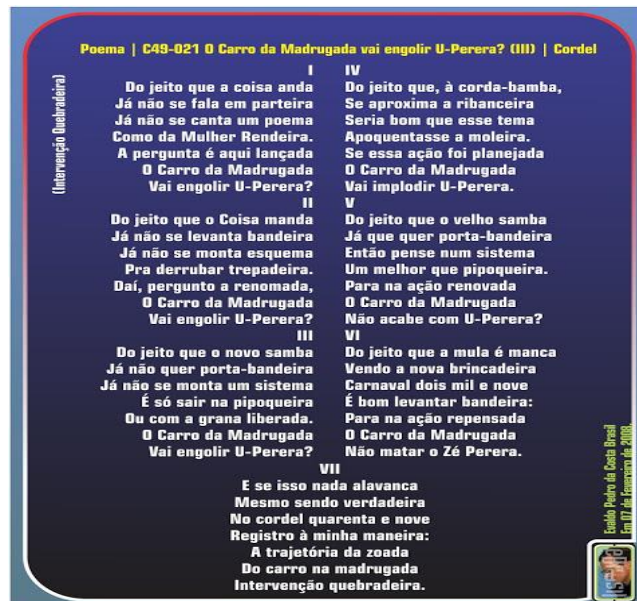
Nos anos 80, o Pereira saía da Comunidade S. Francisco. Segundo dizem, a sua estrutura era montada em uma caixa de geladeira, com uma grande cabeça confeccionada em papelão e arame. Para o folião brincar não precisava de uma vestimenta, qualquer trapo de roupa velha bastava para cair na folia. Muita gente tinha medo de abrir a janela para assistir a sua passagem, o que nos faz lembrar da áurea de mistério que envolve o bloco. Hoje há grupos que sobrevivem graças a abnegação de alguns foliões, que ainda conseguem levar para as ruas da cidade o velho bloco do “Zé Pereira”. Ainda saindo em mais de uma troça, do Britador, do Morro do Piolho e do Catolé ou unificado quando as dificuldades de apoio são mais fortes que o desejo dos brincantes.⁸

É importante observamos a persistências por parte de alguns foliões preservarem o bloco do Zé Pereira, que é característica em várias regiões do Brasil, mas de maneira particular em cada cidade. Em Esperança existe uma persistência por parte da população, manter viva as raízes do Zé Pereira, com tudo mostrando a importância de tornar o bloco como uma identidade para aquela localidade, que é tão esquecida e rotulada, por fazer parte de uma comunidade dita perigosa. Alguns líderes do setor da comunidade São Francisco (catolé), lutam para que essa comunidade tenha visibilidade e reconhecimento, e que suas raízes não de torne esquecida. É importante observar que o blog, traz um enaltecimento do carnaval antigo, comparado com o carnaval atualmente, traçando um passado feliz e glorioso e animado. Mas de fato existe certa diferença, Muita coisa mudou, e o passado assim como o presente esconde suas utopias, o passado carrega marcas de segregação dos blocos, a questão da acessibilidade da festividade, pois uma boa parte da população não tinha acesso às festividades.

⁷Link: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2017/03/o-bloco-ze-pereira.html>

⁸ Link: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2017/03/o-bloco-ze-pereira.html>

Figura 2 - Panfleto do carnaval.



Fonte: Blog Histórias Esperancenses (2008).

Ao analisar de maneira cuidadosa as fotografias nos blogs, podemos perceber o uso dessas festividades em benefício de políticos locais que usaram a festa, que se tornara cada vez mais popular, visando a autopromoção. Fizeram uso da propaganda como meio de enaltecer-se. Durante a pesquisa foi possível ver como isso ocorreu em alguns panfletos de divulgação da festa. Pode-se ver como as próprias cores do material de propaganda faziam referência ao partido que estava na situação, criando uma imagem positivada do governante. Entretanto, se pôde ver como a população também fez uso desse espaço subversivo para reprovar ou contestar algo que estava desagradando. Desse modo, os grupos que viam prejudicados por algum ato ou feito desses políticos, ou das autoridades que detinham o poder local, usavam o carnaval para contestar simbolicamente. Alegria e protesto se mesclaram em alguns momentos. Podemos observar uma publicação sobre o Lero⁹, no blog em questão, como episódio sintomático desse tipo de atitude.

A figura 3 consiste em um panfleto da programação da festividade do carnaval em 1998. Observamos na imagem que diferentes tons de verde foram compõem a imagem. Tanto a tonalidade verde representa o partido PFL, que atuou

⁹ O nome de batismo de Lero, Pedro Fernandes Pimenta, e seu parentesco nos foram informados primeiramente pelo eclético Ednaldo da Silva Lanco Pintor, incomodados que estávamos com a falta dessa informação no Memorial do Carnaval de Esperança, de Inácio Gonçalves, lançado em 2016. Moacy Fernandes, sobrinho de Lero, filho de Dona Zena (Maria Bertezena), cita outros tios e tias, como o sapateiro “Antonio A Jato”; os de São Miguel, Dona Bia, esposa de Zé Carlota, e Dona Lourdes de Luís Bento, pais de Antonio Carlos Bacaninha da Silva, motorista do transporte alternativo, que também nos atesta esse parentesco. A Jato e Mané Piola (Manoel Fernandes) brincaram, anos a fio, nas idas e vindas de Pedro Lero Fernandes para rever a família, quando faziam a festa por aqui, de preferência no período de Carnaval. Link: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2017/02/a-boneca-de-lero.html>. Acesso no blog história esperancense

em 1996-2000, como também representava as cores da bandeira do município. Adiante, iremos demonstrar com a mudança de partidos políticos no governo local provocada alterações na definição e uso das imagens do carnaval, desde as tonalidades que compunham a materialidade da imagem até o tipo de mensagem, evento e personagens retratados.

Figura 3 – O verde da Esperança.



Fonte: blog Evaldo Brasil- esperança reeditada (1998).

Podemos observar de maneira cuidadosa na figura 3, que traz certa dualidade, tendo em vista o cenário político da cidade e o carnaval. Podemos observar a história dos dois partidos da cidade de Esperança, tendo em vista, que, assim como em outras cidades do Brasil os seus respectivos partidos criam mascotes para caracterizar seus partidos. Na cidade de Esperança não é diferente, podemos destacar os “Ratos” e “amuados” tendo em vista nessa época o então prefeito Arnaldo Monteiro, que fazia parte do partido PFL e que destacava as cores verdes. Por isso o destaque do verde no panfleto como também pode mostrar que todos que faziam parte desse partido PFL eram considerados Ratos. O homem e a mulher dançando, na imagem mostra a alegria do carnaval, transmitindo entusiasmo aos leitores, as fantasias que ambos estão utilizando que também faz alusão ao partido, supostamente o homem está com a cara de um rato, tendo em vista os ratos era a mascote do partido que estava no poder da época. Como também a mensagem trazida logo abaixo, que mostra em destaque o verde, como sendo a cor da alegria do carnaval daquele ano, como também faz alusão à cor do partido, criando na subjetividade das pessoas uma positividade do partido, assim como enaltecendo o político. Esse panfleto fazia parte da programação do carnaval e que nessa época era impressa em fôlder, sendo distribuída a toda população.

Por sua vez, na figura 4 podemos observar outro panfleto do carnaval de Esperança com as cores na tonalidade amarela, em destaque e que representa outro partido que estava governando no período de 2011, o partido do PTB. Perceba que ao lado tem uma caricatura, que representa o prefeito da cidade de Esperança, Nobson Pedro de Almeida, onde se mostra como sendo um líder carismático e a frente do povo, podemos nota em suas vestimentas onde constrói uma imagem de um líder político populista e humilde que sempre está ao lado do povo. A frase

colocada no panfleto da imagem 4 também faz alusão a sua popularidade quando coloca “carnaval de todos” . E ambos os panfletos são diferentes. Dessa forma, podemos observar a utilização das festividades como o carnaval para autopromoção.

Figura 4 – Feliz cidade.



Fonte: blog Evaldo Brasil- Esperança reeditada (2011).

Se anteriormente vimos como as imagens de panfletos foram usadas para autopromoção de alguns políticos na cidade de Esperança, cabe pensar que imagens permitem entender as formas de protesto da população durante o carnaval. Agora podemos destacar a utilização do espaço do carnaval para protesto.

Lero era uma figura que fazia parte da história do carnaval de Esperança no final da década 70 e início da década de 80. Ele residia na cidade do Rio de Janeiro, porém sempre tirava suas férias no período do carnaval, indo para a cidade de Esperança brincar o carnaval. Confeccionava uma boneca de pano e saía desfilando na cidade no período do carnaval, onde a partir disso surgiu o bloco da boneca de Lero que arrastava multidões pela cidade, e que também deu origem aos cabeções, os bonecos gigantes que acompanhavam o bloco pelas ruas. Foi criada até uma marchinha, parodiando “Acorda, Maria Bonita”, tradicional baião atribuído a Antônio dos Santos, o cangaceiro Volta Seca, do bando de Lampião. “Acorda Maria Bonita, / Acorda pra fazer café, / Que o dia já vem raiando / E a Boneca de Lero / Já está de pé”, dizia a música.

No blog *Histórias Esperancense*, podemos perceber uma história bem peculiar, onde conta-se que nos anos 70 Lero se envolveu em uma briga e foi preso pelo tenente Moraes. Tendo sido detido no sábado de carnaval, amigos e conhecidos do então famoso Lero, enviaram vários pedidos para sua soltura, porém nada adiantou. Diante da decisão de que Lero só seria solto após a festa, algumas pessoas achavam que aquela prisão seria uma espécie de retaliação contra a irreverência da troça liberada por Pedro Fernandes Pimenta, o Lero, durante as farras.

Figura 5 - Lero fazendo a festa com sua boneca, arrastando tudo.



Fonte: Blog Evaldo Brasil (reprodução).

Os amigos entristecidos reuniram e saíram para brincar na frente da cadeia até o raiar do dia. Mudaram até a letra da música “boneca” em favor do protesto, “Segura a Boneca Lero / Segura não deixa cair / Segura a Boneca Lero / Que a polícia já vem aí”. Vendo essa história do Lero, encontrada no blog, assim como também as fotografias do então bloco, podemos perceber que a população se reunia para protestar contra algo que era tido como injusto, como no caso do lero, uma figura que se tornou referência no carnaval dos anos 70 e 80. Ele acabou se tornando um símbolo do carnaval esperancense por sua irreverência, com sua boneca de pano que arrastava multidões por onde passava. Sua prisão para seus admiradores era como se fosse uma retaliação, impedido do mesmo desfilar na cidade, com sua alegria, sua fama e sua popularidade, que gerava certo desconforto nas autoridades. Assim, a população utilizou o espaço do carnaval para protestar contra a polícia local. Vemos assim como um blog como Histórias Esperancenses apresentam histórias que estiveram por muito tempo resguardadas e arquivadas como registros da vida privadas de algumas famílias. Ao seu modo, os arquivos digitais possibilitam que se pense assim novas e complexas relações entre o público e o privado na medida em que digitalizam, transcrevem e publicizam fontes históricas dessa natureza.

Dessa forma podemos destacar que com passar dos tempos, após a morte de Lero sua tradição não acabou, pois surgiram então várias tentativas de recordar a boneca de Lero. Porém, não com a mesma qualidade. “¹¹Lero, com sua troça “Boneca do Lero” alegrou muitos carnavais, ao lado do “Zé Pereira” e do “Bumba-meu-boi” de João Marcolino. A tradição da “boneca” não acabou com seu criador, que faleceu por afogamento numa cachoeira, em Magé/RJ, não se sabe ao certo qual a data de sua morte, mas certamente o carnaval da cidade de Esperança nunca mais foi o mesmo!”.

Figura 6 - “Os Borós, um dos mais conceituados coletivos carnavalescos de Esperança prestando homenagem ao “Velho Lero”.

¹¹ Link: <http://www.xn--esperanareeditada-gsb.com/search?q=lero>



Acervo pessoal: Jóilson Andrade (reprodução).

A tradição do carnaval pode se notar que foi trazida para o Brasil no período colonial, a festa é comemorada dias antes da quaresma, e se comemora de diferentes estilos, variando de grupo para grupo, de cidade para cidade. Na cidade de Esperança não é diferente, apesar de ser uma festa muito antiga, ao longo do tempo muita coisa se modificou. Podemos destacar alguns blocos carnavalescos, as vestimentas, a música, a forma de se relacionar com as danças. Tudo isso vai se moldado com o tempo, com o espaço e as mudanças são perceptíveis nas fotografias encontradas no acervo digital. O carnaval dos anos 80 não é igual o carnaval de hoje. Muita coisa ficou para trás, se perdeu, mas a festa ainda é umas das mais comemoradas.

Torna-se pertinente observarmos que alguns blocos foram ficando esquecidos ou deixando de existir. Isto se deu por alguns motivos como a falta de investimentos, a ausência de busca por financiamentos para dar suporte a tais blocos. Contudo, parece ter havido uma falta de valorização do próprio público, conforme se percebe nas narrativas dos blogs analisados. Assim como alguns blocos vão se perdendo, outros blocos continuam ou há um surgimento de novos, que dão ao carnaval um novo brilho. Assim como as novas adaptações as novas linguagens, as novas músicas, a nova cultura. Como também as mudanças ocorridas nos espaços onde localiza a festividade, tudo isso faz parte de uma mudança, de um novo cenário. Um grande exemplo desse aprimoramento das novas formas de fazer carnaval e os carnavais das décadas de 80 e 90 que deixaram saudades e por falta de investimentos deixaram de existir. Evaldo Brasil destaca isso em seu poema “Noção planetária”, algo que Rau Ferreira também fez, de modo semelhante, como se lê posteriormente.

Figura 7 – O boi de João Marcolino.



Fonte: Blog Evaldo Brasil- Esperança reeditada (1997).

O poema se refere ao bumba-meu-boi comemorado nos blocos carnavalescos na cidade de Esperança. Em outros lugares do Brasil a festa do boi também é característica cultural.

O Bumba-meu-boi ou Boi-bumbá esperancense se tornou mais conhecido a partir do bloco fundado por João Marcolino dos Santos em 02 de fevereiro de 1962. Apesar de existir em manifestações anteriores, este foi o mais original e duradouro bumbá de Esperança. Adaptado ao tríduo momesco (festa a fantasia, comemorada pelo grupo estudantil em épocas de carnaval na década de 90), o Boi de Marcolino chegou a ter 150 componentes que eram guiados pelo zabumba, triângulo e a sanfona ao som do “Boi da Carapreta”. Era confeccionado em madeira e papelão, coberto com tecido de “chita”; e adornado com chifres naturais e espelhos de diversos tamanhos e formatos. Outra característica nossa, foi a introdução de animais como o Urubu, quando então se cantava “O urubu tá com raiva do boi”. O bloco saía às ruas na manhã do Domingo pré-carnaval conduzindo os foliões, permanecendo ativo até o final dos anos 80. Hoje o conhecido “Arrastatudo” é um remanescente do velho boi cujo criador era apenas um sapateiro da cidade. Quem matou o boi? Não foi a mulher desejosa, pois nesta lenda ele vive depois. Por aqui, dizem que foi tal de “Falta de apoio” que tem feito muitas vítimas culturais.¹³

Podemos destacar tanto no poema escrito por Evaldo Brasil e o escrito por Rau Ferreira, a inquietação deles em relação à falta de investimentos por parte da valorização dos blocos carnavalescos, que tinham características importantes no carnaval esperancense. Assim como a falta de valorização da cultura. Quando o próprio Rau escreve: “Quem matou o boi? Não foi a mulher desejosa, pois nesta lenda ele vive depois. Por aqui, dizem que foi tal de apoio que tem feito muitas vítimas culturais.”. A lenda citada do boi-bumbá é que uma escrava desejou comer a língua do boi do seu senhor, que o marido sacrificou para saciar a sua vontade. O animal era muito querido e por essa razão curandeiros foram chamados para ressuscitá-lo. A festa em si é a celebração quando o boi volta à vida. Observe que, a preocupação no poema de Evaldo Brasil, “quem matou meu boi? O de João Marcolino.” Mostrando sua crítica dos carnavais de antigamente e que hoje não existe mais. Tanto em Evaldo Brasil como na história escrita por Rau Ferreira,

¹³ Referencia retira do blog Histórias de Esperancense feita por Rau Ferreira. Fonte: <https://historiaesperancense.blogspot.com/2017/02/o-boi-de-marcolino.html>

utilizou-se a poesia como forma de crítica sobre a falta de investimento em relação aos blocos.

Como podemos ver na citação as características do bloco bumba-meu-boi, com a mistura de ritmos de instrumentos musicais, como por exemplo, a sanfona e o triângulo e zabumba, que animou o carnaval do bloco do boi de João Marcolino. Podemos destacar também o urubu citado no texto, animal carnívoro que, segundo a citação foi inserido também no bloco, “o urubu está com raiva do boi” por que será? Seria por conta da animação do bloco, que arrastava multidões? Ou por que ele queria ver o boi morto, para se alimentar de sua carcaça? Dessa forma podemos também apontar as crenças alimentadas no imaginário das pessoas, tendo em vista a lenda construída em volta do bumba-meu-boi, onde no final o boi volta à vida, trazendo a alegria. É importante apontar como essa lenda, faz com que a população absolvesse e a transformasse no universo da cultura popular. Com isso trazendo crenças populares, para o universo carnavalesco e reutilizando essas crenças, para representar as quebras das tradições.

Compreender a “cultura popular” significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, o mecanismo da dominação simbólica, cujo objetivo é a tomar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes, desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto. (CHARTIER, 1995, p. 85).

Outra característica do carnaval de esperança é bloco da ala-ursas, bloco antigo que faz sucesso ainda hoje na cidade de Esperança, tendo em vista que muita coisa mudou. “Esta representação carnavalesca tem origem nos ciganos europeus, que percorriam as vilas com seus animais (ursos) presos em corretes e dançavam de porta em porta em troca de algumas moedas” (FERREIRA, 2015, p.134).

O bloco tinha cerca de 30 componentes, com no mínimo duas Ala-ursas. Diferente do que se vê hoje, a batucada era acompanhada por um tambor, um banjo e um saxofone. Os homens vestiam à caráter: camisa pólo e calça brancas. A máscara da Ala-ursa não era bem feita, mas a sua indumentária estava completa com uma caneca, com que se pediam alguns trocados no melhor estilo cigano, que sempre foi a sua origem. [...] “O estandarte da Ala-ursa era o mais simples possível: um letreiro de papel-cartão seguro por um pau que lhe servia de mastro, com os dizeres: Ala-urça e seus simpáticos”.

Figura 8 – Ala-ursas característica do carnaval de Esperança.



Fonte: Blog Evaldo Brasil- Esperança reeditada (1948)

Observamos na figura 8 de 1948, a simplicidade das vestimentas, assim como das máscaras, suas roupagens eram completas, mais o que era importante era brincar e participar das festividades do carnaval. Observamos que o bloco das Ala-ursas assim como o boi de João Marcolino, foram criados a partir de uma crença popular.

Hoje algumas características do bloco mudaram. Há um cuidado nas vestimentas e nas máscaras, antes podemos observar que a fantasia, era fiel a lenda, tendo em vista os ursos dos ciganos, hoje já notamos que isso já foi se perdendo, pois ao observamos na figura 8 percebemos que já existem máscaras de outros animais e até de desenhos animados, bruxas etc. Notamos com isso, o quanto a população se utiliza das culturas, atendendo assim suas necessidades e suas vivências do momento.

E quanto mais panos esfarrapados e o horror nas máscaras, mais isso os deixava empolgados. As Ala-ursas chamavam atenção do público pelas ruas onde passavam, assim como também assustava a população e, principalmente, as crianças, que saíam correndo e se escondendo daquele animal horrível. Elas saíam nas ruas logo no início do ano, pois no mês de janeiro elas iniciavam suas caminhadas. Fazendo a festa, pelas ruas da cidade de Esperança atrás de alguns trocados, acompanhadas de tambores, com seguintes dizeres “a ala-ursa quer dinheiro, quem não dê é piranguero” (sic).

Figura 9 – Ala-ursas homenageia Pedrinho “o maestro” que desencarnou nesse mesmo ano. Um dos que organizava o bloco das ala-ursas.



Fonte: Blog Evaldo Brasil- Esperança reeditada (2019).

Hoje existem vários grupos, onde eles se disputam, qual será o grupo que mais chamará atenção do público, existe o grupo da São Francisco, da Rua General Osório, ala-ursa do beco e do Morro do Piolho. Eles se organizam e dá início às prévias de carnaval. Nos dias de hoje, na segunda feira, de carnaval também tem um concurso de ala-ursas, aquele grupo bem caracterizado e que chamar mais atenção, os ganhadores recebem uma quantia em dinheiro, que é dividida entre o grupo. Com isso acreditamos que foi uma forma que os líderes desses grupos criaram para incentivar os participantes, como também manter viva essa cultura do nosso município.

3 CONCLUSÃO

Este trabalho se debruçou sobre uma história cultural da cidade de Esperança, mobilizando fontes digitais para pensar como o passado da cidade, com ênfase no seu carnaval, tem sido usado e significado no tempo presente. Concluímos nosso trabalho relacionando nossa temática sobre o carnaval da cidade de Esperança e as múltiplas formas de fazer carnaval, analisando as páginas de Evado Brasil e História Esperancense, de maneira que percebemos a forma como o carnaval era construído e reorganizado. Observamos a importância da cultura popular nesse contexto, analisando as formas como as pessoas se relacionavam com a cultura local, atentando para as transformações pelas quais passou essa cultura carnavalesca no município.

É importante observarmos que tratamos de um conjunto de informações que nos possibilitou uma leitura sobre a cultura do nosso município, enxergando suas particularidades e valorizando a história local. Tendo consciência que a história global reflete de maneira micro, onde heranças são enraizadas e arrastadas, como também são perdidas com o tempo. Utilizamos autores que nos possibilitou dialogar com a nova história cultural, assim como desenvolver questões sobre a cultura popular, tratando de forma regional e de forma global. As festividades pode ser um grande exemplo, de como as heranças e as culturas permanecem e outras vão se

perdendo e sendo modificadas. Por isso, de maneira pertinente estudamos aqui nesse texto o carnaval da cidade de Esperança, percebendo suas nuances, como também a forma que se organizava e as variadas formas de socialização.

Deixamos claro no texto, em linhas centrais, a importância de analisar como uma parte da população utilizava os blocos carnavalescos como meio de protesto e resistência às oligarquias e seus ditames. Para isso analisamos dois blogs, e verificamos no contexto de Lero, essa relação, de resistências por parte da população. Como também podemos destacar a problemática feita nesse trabalho onde os blocos carregava uma herança militar, trazendo uma ideia nacionalista.

Estudar a cultura de uma cidade, de um grupo local é importante para academia, assim como valoriza a história local e dá visibilidade àquelas histórias que são esquecidas, abafadas e escanteadas. Esse gesto que ensaiamos aqui dá a possibilidade de criar e reinventar outros modos de pensar a história local. O carnaval, festividade que é comemorada em todo o Brasil, mas que se faz de maneira particular de região para região, de cidade para cidade, foi percebida nesse texto a partir de imagens e experiências particulares. Foi possível mapear, inicialmente, algumas formas de resistência por meio da alegria, da festividade e da irreverência. Pudemos analisar como a população criou, modificou e produziu uma cultura a partir de suas dificuldades, necessidades e potencialidades. Vimos na música do Bloco do Zé Pereira, por exemplo, uma herança Portuguesa, mas que sofreu alterações. Se inicialmente o carnaval era comemorado pela elite, posteriormente foi popularizado e tomou as ruas com outras cores, tons, vozes e corpos.

É importante destacar, na conclusão, que a análise dos dois blogs possibilitou enxergarmos as mídias digitais com outros olhos, as dificuldades imensas que isso coloca para a pesquisa em história do tempo presente. Mas faz parte da construção desse trabalho e nos direcionou no crescimento e na forma de ler as fontes históricas. As fotografias que foram selecionadas serviram-nos de recortes para embasar nosso trabalho, como também alguns recortes de textos que encaminhou nosso trabalho a outro patamar. Os desafios foram inúmeros, pois trabalhar as mídias digitais como fontes históricas não é simples, tendo em vista que a academia ainda resiste a essas ferramentas, mas foram elas que fizeram a minha pesquisa caminhar.

Com base nesse critério podemos destacar que esse trabalho não encerra por aqui, existem diversas perspectivas e abordagens, bem como problemáticas que podem ser retiradas e reformuladas sobre os blocos carnavalescos da cidade de Esperança. Pois se trata de um assunto muito diversificado e seria bem articulado juntamente com a pesquisa de campo. Porém, devido o momento vivenciado com o contexto da Pandemia de Covid-19, tivemos que deixar de lado essa possibilidade e buscar novos horizontes, que pudesse nos guiarmos nessa empreitada.

Sentimos certa desorganização dos blogs, isso fez com que dificultasse nosso trabalho, mas fomos persistentes e insistentes ao analisar cada fonte. Seria importante repensarmos essas fontes, para que possamos ter mais possibilidades futuras, encontrando novos desafios e possibilidades. Dessa forma poderemos olhar com outros olhos, tendo em vista que no campo da história ainda estão sendo iniciados os estudos sobre/a partir de mídias digitais. Com as novas modalidades da tecnologia essas redes de interações tendem acrescentar na construção da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. C. O historiador e as fontes digitais: Uma visão a cerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedon**, Revista do corpo discente do PPG- história da UFRGS. Num. 8, vol. 3, janeiro- junho de 2011.
- BURKE, P. Gilberto Freyre e a nova história cultural. **Tempo social** – Revista de Sociologia, São Paulo, (2): 1-12, outubro 1997.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Traduzido por Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHARTIER, R. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, Num.16, 1995, p. 179-192.
- DA MATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Ed. Rocco LTDA: Rio de Janeiro, 1986.
- FERREIRA, R. Pseud. Hasenclever Ferreira Costa. **Banaboé Cariá- Recortes da Historiografia do Município de Esperança\PB: 2015**. 1ª ed. 224 págs.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, 20ª ed. 288 págs.
- GASKILL, I. Histórias das imagens. *In*: BURKE, Peter 1991. **A escrita a história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- MAUAD, A. M. Através da imagem: Fotografias e História Interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, Num. 2, 1996, p.73-98.
- MENESES, S. Internet, História e Esquecimento: Sobre pensar o passado escrito no universo virtual. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 23 Num. 45, pp.11-36 – 2003.
- SILVA, A. L.; MIGUEZ, P. Cultura, festa e cidade: tecendo relações. **Revista Observatório da Diversidade Cultural**. n. 1, v. 1, 2014. p. 19-27. Acesso em 29 de ago. de 2020. Disponível em: http://www.observatoriodadiversidade.org.br/revista/edicao_001/Revista-ODC-001.pdf
- SOIHET, R. Reflexos sobre o carnaval na historiografia- algumas abordagens. **Tempo**, Rio, Vol. 4 num. 7, 1999.
- VAINFAS, R. História cultural e historiografia brasileira. **História: questões e debates**, Curitiba, num.50, p.217-235, jan.\jun. 2009.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelas realizações desse trabalho, que diversas vezes me sentia angustiado e impotente, por tantas atividades que tinha que realizar no meu dia-a-dia.

Aos meus amigos, que sempre estavam à disposição quando precisava de apoio emocional e que nunca deixaram de acreditar que eu era capaz.

Agradeço às minhas tias que, apesar da idade e o estado de saúde, compreendia que em determinadas horas do meu dia, tinha que estar ausente.

Agradeço de forma carinhosa a minha irmã que todos os dias estavam aqui em casa para me dar suporte nas atividades de casa e na ajuda com minhas tias.

Por fim agradeço ao meu professor orientador Júnior pela dedicação, sensibilidade e o carinho para a realização do meu trabalho.